

**"HOMEM E MULHER OS CRIOU":
A igualdade intergêneros do “Jardim do Éden” ao pensamento feminista**

Pois em Deus não há parcialidade. (BÍBLIA, 2000, Romanos 2:11).

Carlos Alberto Moreira Dinucci Júnior¹

RESUMO: Este trabalho opõe-se ao entendimento vulgar de que o cristianismo deve defender a primazia dos homens em detrimento das mulheres. Demonstra que o ideal divino preconizado pelo “Novo Testamento” é a igualdade intergêneros. Para isso, vai ao próprio texto bíblico, já que é ele o principal alicerce em que se fundamenta a fé cristã. Depois, passando por Tocqueville (2005), Mill (2006), Bourdieu (2002), Priori (2008) e Beauvoir (1970), demonstra que a ideia original de harmonia entre homem e mulher é também o melhor, à luz da ciência, e que só fará gerar bons frutos para a sociedade, se for restaurada.

Palavras-chave: Cristianismo. Bíblia. Feminismo. Mulher. Machismo. Dominação.

Introdução

Muito embora esteja já aí o terceiro milênio da Era Cristã, a mentalidade imperante permanecerá retrógrada. Conquanto a era seja cristã, sustentada primazia os valores vinculados ao “Antigo Testamento”; mesmo os que sempre pareçam, sobretudo em pleno século XXI, discutíveis. Dentre esses valores, verifica-se, neste artigo, aquele que impõe os mais pesados fardos às mulheres. Fardos que colocam metade da população do planeta em segundo plano frente à proeminência outorgada aos machos da espécie por eles mesmos; também pela maioria das fêmeas, que assimilaram o discurso do machismo, tomando-o por natural e incontestável.

Rastreia-se na Bíblia, respeitada pelo cristianismo como palavra de Deus – fundamento primeiro da prática religiosa cristã –, a origem de um suposto direito masculino de dominação sobre as mulheres. Daí partindo, responde-se à seguinte questão-problema: são indiscutíveis os argumentos da fé institucionalizada que legam às mulheres a posição de subalternas em sua relação com os varões? A resposta a essa indagação impôs a necessidade de se refletirem versículos do “livro sagrado”. Mas, mais que isso, a desconstrução de um paradigma milenar exigiu que

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário São José de Itaperuna; bolsista no projeto de iniciação científica “Gêneros e Relações de Poder: o feminismo em perspectiva”, do Centro de Iniciação Científica e Extensão daquela instituição de ensino. E-mail: dinucci@hotmai.com Este trabalho foi orientado pela Professora Mestre Elaine Borges Tardin, coordenadora do projeto de iniciação científica.

seconsiderasse aqui o feminismo, seu objetivo principal: fundar a igualdade entre os sexos. Teve-se, claro, o cuidado de apresentar os benefícios supervenientes ao estabelecimento de um novo modelo para a relação intergêneros.

Assim, a fim de atender à exigência da pesquisa, este texto dobra-se em duas seções. Na primeira, “O paradoxo argumentativo cristão”, reflete-se o sentimento religioso cristão, que aponta para um ideal. Ideal a ser perseguido para que se restabeleça o paraíso perdido, que rematerializaria o pensamento original da divindade para a espécie humana. Na segunda seção, “A lógica do argumento feminista”, apresentam-se as reflexões de filósofos, sociólogos e feministas que defendem a liberdade da mulher, sugerindo a equalização de seus direitos aos dos facultados historicamente aos homens. É observada a violência simbólica, que limita a ação delas, acuando-as em sua feminilidade, o que impede a igualdade plena, tão importante ao avanço da sociedade democrática.

1 O paradoxo argumentativo cristão

A influência da moral cristã sobre a formação dos valores nas sociedades ocidentais é indiscutível. Extravazando paredes de qualquer templo, de qualquer ordem eclesiástica, essa moral imiscui-se nas instituições democráticas; forja indivíduos que, não sendo declaradamente cristãos, sujeitam-se a normas inclinadas a dogmas, teoricamente, incontestáveis. Sobre essa força da fé nas instituições humanas, bastaria observar o mundo a fim de constatá-la real. Em cada debate que se estabelece, qualquer pouco criticismo apreende, do fundo de opiniões que às vezes se querem passar por científicas, um fundamentalismo assentado em crenças. Essas crenças estabelecem costumes que direcionam as leis, sempre atendendo a vontade de uma classe (TOCQUEVILLE, 2005).

Acerca do sentimento da religião cristã e de seu poder, Alexis de Tocqueville, que em suas palavras ao longo de “Da democracia na América” manifesta sua particular cristandade, não se furta ao dever de aludir à atuação, para ele estranhamente antidemocrática, de sua religião. Assim considera com propriedade o historiador na referida obra:

[...] por um concurso de estranhos acontecimentos, a religião se encontra momentaneamente engajada entre as forças que a

democracia derruba, e muitas vezes acontece-lhe rejeitar a igualdade que ela ama e amaldiçoar a liberdade como se fosse uma adversária, enquanto que, tomando-a pela mão, poderia santificar os esforços que esta empreende (TOCQUEVILLE, 2005, p. 17).

Para adequada recepção do discurso religioso cristão, é interessante ter em mente essa postura, considerada antiliberal pelo historiador francês, dos intérpretes da Bíblia. Eles, defensores da posição do homem como cabeça, difundem sua ideologia machista. Referendam a subserviência feminina, justificando-a em uma suposta origem divina à qual todos devem respeito; a despeito de serem partícipes de um Estado, em tese, laico.

No Gênesis, dizem as Escrituras:

"Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda". [...] Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a trouxe a ele. Disse então o homem: "Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada". (BÍBLIA, 2000, Gênesis 2:18, 21-23).

Dispensando o debate científico, o texto descreve detalhadamente o aparecimento da mulher, segundo o Criacionismo. Note-se, entretanto: a divina menção à carência masculina, o procedimento cirúrgico empreendido pelo "Criador" – arranca um pedaço de Adão – e a declaração adâmica diante da figura feminina não incitam qualquer postura assoberbada contra a fêmea da espécie humana. Adão diz sem meias palavras: "osso dos meus ossos e carne da minha carne". A relação de intimidade a que remete o espanto do primeiro homem, ao ver a primeira mulher, não pode, em hipótese alguma, servir de sustentação à ideia de hierarquia entre gêneros. A mensagem presente na fala é de que, a partir de então, passava a existir outro ser tão importante quanto o homem.

Além disso, o capítulo primeiro do livro de Gênesis, no qual não se detalha a criação da mulher, deixa a ideia da criação da espécie humana de uma vez por todas. Não a de um gênero primeiro, o masculino; e de um segundo, o feminino. Tem-se a nítida impressão de que o "Criador" apresenta homem e mulher, sem antes ou depois. Observe-se:

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou, e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Enchem e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra". (BÍBLIA, 2000, Gênesis 1:26-28).

Cabe considerar que, ao dizer "domine", em momento algum este "Criador" se volta apenas ao macho. Fala ao homem e à mulher. Os dois são criados à imagem de seu Deus. Devem, em igualdade de condições, dominar e subjugar os outros seres vivos. Além disso, uma vez que a ordem de procriação é dada ao casal, não se pode admitir, absolutamente, que a obrigação de zelar pela prole recaia apenas sobre a mulher.

Contudo, era ainda tempo de pureza. Após o evento chamado pelos cristãos de "queda", quando a mulher, tentada pela Serpente, come da fruta da árvore proibida e depois a oferece ao homem, a coisa muda de figura. O ideal divino de equidade se desfaz e a sentença proferida recai sobre a mulher no peso esmagador da mão de um macho: "Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará" (BÍBLIA, 2000, Gênesis 3: 16c).

Complexo que se admita o olhar fatalista para essa realidade; admitir-se imutável a condição pós-queda. Se a intenção da fé cristã é conduzir a humanidade ao estado original, quando Ihe era franqueado o acesso ao Éden, jardim das delícias, por que não perseguir também esse estado na construção da igualdade entre os gêneros? A rejeição a essa igualdade não parece paradoxal?

Um exemplo material da necessidade de reconstrução do ideal divino está na passagem em que o Cristo, sendo-lhe apresentada uma mulher apanhada adulterando, desfaz o circo armado pelos "mestres da lei".

Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?" Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra".

nela".Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão.Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando com os mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele (BÍBLIA, 2000,João8:3-9).

Não se pretende, com base na citação acima, forçar o entendimento de que Jesus era condescendente com o adultério. Há outros textos em que ele deixa clara sua posição contrária a essa prática. Todavia, deve-se ressaltar que os fariseus não conduziram um casal aos pés do Mestre, apenas uma mulher (a lei judaica mandava que ambos fossem apedrejados).Essa mulher que, à luz do Velho Testamento pertencia a um homem, devia-lhe fidelidade e obediência, estava sob seu domínio, recebeu do “Filho de Deus” a defesa necessária. Os que a acusavam, todos homens, são lembrados pelo Messias de sua condição idêntica à dela: a condição de pecadores.

Vale lembrar, por fim, que esse Jesus Cristo, chamado Messias, Filho de Deus, o princípio e o fim, nasceu, segundo o relato bíblico, independente da intervenção de qualquer homem. Em suas veias, pode-se conjecturar, não correu sangue de figura masculina alguma. Ele vem à terra, segundo os cristãos, através de uma mulher agraciada pelo Espírito. Ela, a quem se orientam pedidos aos quais, dizem, o Filho sempre atende. Quanto a José, pai de Jesus, sua história transita à margem. Os Evangelhos mal o citam. Tudo encerra em Maria, a mãe, que deve ser digna de tantos direitos quanto qualquer homem que pise a face da Terra.

O que se pôde destacar, brevemente, nesta primeira parte foi isto: a origem humana em equilíbrio, homem e mulher correspondentes da imagem divina; a condição de dominação produzida pela “queda”, que fundamenta o discurso machista da sociedade cristã; e a incongruência dos argumentos cristãos, que determinam a busca pelo retorno ao ideal, mas que descartam, ao mesmo tempo, a incidência dessa busca sobre o padrão hierárquico estabelecido entre os gêneros. Na próxima seção são expostas algumas reflexões do feminismo. Considerações racionais, sólidas, que põem em xeque o, há anos, estabelecido.

2 A lógica do argumento feminista

Há muito, muito tempo, tem-se acreditado positiva a divisão hierárquica entre os sexos. Como visto na seção anterior, no mundo ocidental essa crença é

demasiado antiga. Esse arcaísmo traz consigo um enorme problema: é contemplado qual ente sacro, indiscutível, que não pode ser transmutado. Então, por mais inconsistentes, afirmações velhas, como as proferidas pelos machistas, tendem a sublevar frente a qualquer consideração, ainda que sóbria ou lúcida. Entretanto, é necessário correr risco às sanções sociais. Cometer a ousadia de pensar. Ser livre, de fato, mesmo que isso custe algum conforto. E, diante do crescimento advindo desse ato de pensar, assumir uma posição leal diante do conhecimento. Não se pode deixar de admitir o quão complexo é abraçar a liberdade, construir a si próprio.

O mesmo Tocqueville, citado na seção anterior, faz uma referência à prisão em que vivem os que se doham a paradigmas estabelecidos por terceiros.

Porque aquele que aceita obedecer servilmente em certos casos a alguns de seus semelhantes, aquele que lhes entrega sua vontade e submete a eles seu próprio pensamento, como pode pretender ser livre? (TOCQUEVILLE, 2005, p. 227).

O pensador, considerando a condição em que viviam os povos nas sociedades aristocráticas, afirma: “o pobre é familiarizado, desde a infância, com a ideia de ser mandado. Para onde quer que dirija seus olhares, vê imediatamente a imagem da hierarquia e o aspecto da obediência” (TOCQUEVILLE, 2005, p. 221). Pode-se inferir que isso ocorra muitas mulheres em plena contemporaneidade. Esta é a regra: o homem é a cabeça; ao homem cabe a liderança; a mulher é a “costela”; a decisão final pertence a ele; se ela não admite isso, pode morrer sozinha. A sociedade busca, então, educá-la para o lar, para o cuidado dos filhos e para a obediência ao marido.

Isso tudo constitui o que Pierre Bourdieu (2002) chamou *violência simbólica*. O sociólogo discorre a respeito dessa violência muitas vezes silenciosa, que não se pode ver; tão sutil que muitas a assimilam sem que o percebam, mas que é real e que opera discretamente fazendo perpetuar a histórica posição superior do masculino, em detrimento ao que qualquer mulher, por melhor que seja, tenha a oferecer.

O próprio Jean-Jacques Rousseau (1995), conhecidamente à frente de seu tempo, que prezou pela igualdade, pela liberdade e pela fraternidade, ao tratar a causa das mulheres, concluiu a necessidade de sua educação ser relativa à dos homens. Legou princípios inovadores à educação dos mancebos. Mas, ao tratar a

educação da menina – “Sofia”, no caso –, esclarece a necessidade de impor a ela saberes que favoreçam ao menino, a “Emílio”. Rousseau juntava sua voz à de outros pensadores de seu tempo, ratificando o absurdo da desigualdade, tão prejudicial às mulheres; tão confortável aos homens. Utilizava, nessa empresa, argumentos que hoje sabemos esdrúxulos, que vinculavam a vida pública do homem ao seu órgão sexual projetado para fora, e a vida doméstica que sobrava à mulher, ao fato de ter uma vagina. É até possível entender que esses argumentos, tão falaciosos, tenham vigorado no século XVIII; o que não se pode, todavia, conceber é que vençam *per saecula saeculorum*.

Alguém pode chamar à atenção o fato de que muitas mulheres vivem bem em suas vidas domésticas. Sim. Contudo, não se pode, partindo daí, generalizar. Um sem número desdobra-se, pratica jornada dupla sem qualquer apoio real dos homens, os quais pensam que uma ou outra atividade em casa é “coisa de mulher”. Há, claro, bons homens, bons pais, bons esposos, mas como bem disse John Stuart Mill, “as leis e as instituições precisam ser adaptadas, não para os homens bons, mas para os maus” (MILL, 2006, p. 55). O autor inglês, um dos mais importantes pensadores liberais do século XIX, defende a igualdade intergêneros. Ele encara a sociedade e percebe nas relações entre casais infelizes a cruel servidão da esposa ao esposo. A pior espécie de servidão, ele considera: pior que qualquer outro tipo de escravidão, já que a mulher se considera obrigada à conjunção carnal, e digna do inferno, se concebe divorciar-se. Em virtude disso, defendendo a equalização de direitos entre homens e mulheres, diz Stuart Mill:

Acredito que a igualdade de direitos reduziria a autoabnegação exagerada que é o ideal artificial atual do caráter feminino e que uma boa mulher não seria mais sacrificada do que o melhor dos homens; mas, por outro lado, os homens seriam muito mais abnegados e dedicados do que são agora porque eles não seriam mais ensinados a idolatrar sua própria vontade como se fosse uma coisa formidável assim como é a lei, na realidade, para um outro ser racional. Não há nada que os homens aprendam com tanta facilidade quanto esta egolatria: todas as pessoas privilegiadas assim como todas as classes privilegiadas são assim. Quanto mais descemos na escala da humanidade, mais intenso se torna este fato; e, principalmente naqueles que não são e nunca podem esperar ser exaltados por alguém, exceto por uma esposa e filhos infelizes. (MILL, 2006, p. 65).

O que se percebe da citação é que observar a família em seu estado àquela época, estado que pouco se alterou de lá para cá, levou o autor a concluir que o alicerce em que se fundamentava o Estado não era nada firme. Mesmo hoje, a estrutura que, teoricamente, sustenta a vida em sociedade, a família pode não refletir qualquer coisa muito saudável, já que é composta, muitas vezes, por um déspota, por uma escrava e por crianças infelizes que crescem aprendendo que isso tudo é intransponivelmente normal. Desse jeito, sob essa fórmula, fica difícil mesmo defender o que algumas vozes insistem em chamar de família tradicional.

O que se deve esperar da igreja cristã, se é fato que quer difundir valores, é que esteja engajada na luta contra as desigualdades, contra a dominação independentemente de onde se exerça. O cristianismo, que afirma serem todos iguais diante de Deus, deve somar forças aos que, pelo bem da humanidade, desejam ver homens e mulheres, ambos como seres humanos, apenas. Cabe a todos, juntos, desfazer o olhar fatalista para a realidade. As coisas não são assim e pronto.

Alguns conhecedores das “Escrituras” podem dizer que esta pesquisa esqueceu-se de citar Paulo, o apóstolo. E diria que há nele, bem no “Novo Pacto”, fundamento para a obediência das mulheres. Mas, mais uma vez, serve a esta investigação John Stuart Mill. Em dado momento, seu texto reflete:

Talvez tenham dito que a religião impõe a obrigação da obediência; assim como todo fato estabelecido, que é intolerável para admitir qualquer outra justificativa, sempre nos é apresentado como uma ordem da religião. A Igreja, na realidade, recomenda tal obrigação em seus formulários, mas seria difícil obter tal injunção do Cristianismo. Sabemos que São Paulo disse: ‘Esposas, obedecem aos vossos maridos’; mas ele também disse: ‘Escravos obedecem aos seus senhores’. Não era tarefa do apóstolo Paulo, nem era condizente com seu objetivo, a propagação do Cristianismo, provocar alguém para revoltar-se contra as leis existentes (MILL, 2006, p. 70).

Se as mulheres estão fadadas à obediência eterna aos maridos, dever-se-ia depreender daí que a escravidão é um fato admissível. Sabe-se que a exploração escancarada de um ser humano por outro jamais encontrará guarida no pensamento do cristão autêntico. Por que se admitiria a dominação do homem sobre a mulher? Por que se conceberia a sujeição da mulher? Por que se abraçaria a ideia de obediência, que tantos homens imaturos ainda prezam? Como construir esse Éden de Deus sem o restabelecimento da condição original de igualdade?

Um dos problemas inerentes ao estatuto da desigualdade é a crença que se assentou no instinto do macho. O homem como ser instintivo não se saciaria com uma mulher, apenas. Sua esposa, então, a casta, a santa, serve-lhe como mãe de seus filhos. Na rua o homem encontra o prazer. Mas essa liberdade em busca do prazer não se dá a ela; só a ele. Essa libertinagem dos homens casados, sempre perdoável. Mas uma *Bovary* (personagem de Gustave Flaubert) é sempre execrada pela parcela maior da sociedade, mesmo da contemporânea.

Outra personagem da literatura, Capitu é também vítima eterna do julgamento de muitos. Poucos, entretanto, são capazes de observar o desleixo e a casmurrice, por assim dizer, do Dr. Bento Santiago, seu esposo. Versando acerca do tempo em que foi redigido o romance “Dom Casmurro” por Machado de Assis, Mary del Priori diz o seguinte:

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se imaginar que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério se perpetuava como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o resto do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. É sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges (PRIORI, 2008, p. 41).

Um pouco de franqueza e se há de reconhecer: pouca coisa mudou. Hoje ainda, o homem que tem muitas mulheres é louvado pela sociedade como um “garanhão”. A mulher que tem muitos homens é tratada como uma prostituta. Muitos homens casados têm persistido em viver como solteiros. Mas é óbvio que dá neles o desespero pensar que, enquanto eles saem, talvez suas esposas não estejam em casa rezando o terço ou assistindo à última novela das nove. O discurso de dominação reproduzido pelo cristianismo contribui para que esse isso mude?

Cabelevar em conta o entendimento vetusto de que as mulheres, habitantes de um corpo mais fraco, devem ter cerceado seu raio de atuação. Argumento desconstruído brilhantemente por Beauvoir (1970). A autora observa que nas sociedades humanas, em que todos são dotados de capacidade cognitiva, e sob a égide do capitalismo, em que o que determina a força não é a estrutura física, mas a situação econômica e social, músculos não são indispensáveis.

Considerações finais

O Brasil é um estado democrático, toda a manifestação religiosa deve ser respeitada. Os cristãos compõem, inquestionavelmente, a maioria dos brasileiros. Entretanto, Grande parte dessa maioria desconhece profundamente a “Bíblia Sagrada”, texto que fundamenta sua fé. Isso permite que interpretações equivocadas, reproduzidas há longo tempo, tornem-se cada vez mais sólidas. Um grande erro, como visto, reside no entendimento machista de que a mulher tem que acomodar-se a um segundo lugar, obedecendo cegamente ao marido e restringindo sua opinião à vida doméstica; aceitando que a última palavra pertence ao macho.

Este trabalho deixa alguma reflexão acerca desse supostodireito masculino à primazia, rezado por algumas cartilhas da religião cristã. Ficou esclarecido que o texto bíblico, devidamente rastreado, não deixa margem a essa interpretação que parece, infelizmente, ter a preferência das lideranças de toda as denominações do cristianismo. O acesso a este artigo deve levar o leitora questionar a hermenêutica empreendida por alguns na confecção dos dogmas de sua religião. A busca pelo retorno ao ideal, ao padrão Éden. Sendo, de fato, esse o interesse cristão, não se pode admitir a exclusão da igualdade intergêneros. Cumpra-se a vontade de Deus.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Bíblia Brasil, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Coimbra: Almedina, 2006.
- PRIORI, Mary del. Capitu ou a mulher sem qualidades. In: **Quem é Capitu?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jackes. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **Da democracia na América: Leis e Costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.